

## Nietzsche e Kierkegaard: os críticos da decadência na sociedade ocidental

Nietzsche and Kierkegaard: critics of the decadence in the occidental society

Ícaro Souza Farias  
UESB  
ikrofarias@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo pretende refletir sobre a crítica estabelecida por Kierkegaard a um contexto existencial que se caracteriza pela uniformização dos indivíduos que os circunscreve na inautenticidade e no anonimato. Tal postura, na prática, priva os indivíduos da possibilidade de se afirmarem enquanto existentes singulares e originais. A partir dessa questão propomos aproximações entre essa reflexão sobre como se dá a impessoalidade, e o pensamento de Nietzsche que caracteriza a modernidade como uma época tediosa e estéril. É nesse panorama, que se insere a originalidade do pensamento do filósofo dinamarquês e do pensador alemão, como postura para superar a condição de inautenticidade.

**Palavras-Chave:** Nietzsche. Kierkegaard. Existência. Individualidade.

**Abstract:** The present article intends to reflect on a criticism established by Kierkegaard of the existential context, which characterizes itself by the uniformity of individuals that circumscribes their inauthenticity and anonymity. Such posture, in a practical way, deprives individuals from the possibility of self affirmation as existent, singular and original. Thus, from this question, we propose the approach on this reflexion about how occurs the impessoality, and Nietzsche thought, which characterizes the modernity as a tedious and sterile era. Is in this panorama that inserts the originality of the thought of the Danish philosopher and of the German thinker, a posture to overcome the condition of inauthenticity.

**Key -Words:** Nietzsche. Kierkegaard. Existence. Individuality.

### Introdução

Como refletir sobre a individualidade numa época que se caracteriza pela massificação das consciências? Como pensar de modo autêntico quando a sociedade moderna preconiza a banalidade e a farsa? Tanto a reflexão kierkegaardiana quanto o

pensamento de Nietzsche relevam uma grande preocupação com tal problemática. Num panorama existencial que prioriza a criação de indivíduos uniformizados, não resta lugar para a concretização da subjetividade singular, segundo Kierkegaard. Nesse sentido, a crítica do pensador danês entra em consonância com a visão do filósofo do martelo, pois para Nietzsche a massificação resulta na extinção da autenticidade que dá lugar a indivíduos adestrados que vivem à mercê da inautenticidade. As semelhanças entre Nietzsche e Kierkegaard são maiores do que aparentam. Ambos combatem a razão moderna que pretende circunscrever os homens num pensamento autoritário e instrumental, bem como são opositores do espírito gregário que exclui a individualidade.

Na multidão os homens vivem reféns da falácia, uma vez que não se reconhecem como indivíduos autênticos, pois são guiados pela vontade de todos. A tarefa é então, o comprometimento com a interioridade. Desse modo, é possível a superação da condição de rebanho e do anonimato existencial. O ato de educar-se exige que cada um se responsabilize por si, tornando-se consciente de suas escolhas e das consequências que advém delas. É na interioridade que se afirma a existência singular. Como desenvolve o autor de Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor o indivíduo não se realiza na multidão, apenas se transforma em cópia de outrem. Nietzsche em Vontade de potência, afirma que o homem que se torna servo da moral de rebanho abandona a si próprio e se torna um ser nulo, ou seja, um zero.

Entre as aproximações que tratarei, está a questão da massificação cultural que Kierkegaard critica em seus escritos e a contraposição nietzscheana ao instinto de rebanho. O objetivo principal dessa reflexão, portanto, é pensar o indivíduo. Para isso, é necessária a responsabilidade consigo mesmo. Ou seja, o homem deve assumir a tarefa de tornar-se singular retirando-se do processo de uniformização que o faz um ser amorfo e inautêntico. Com efeito, pretendo refletir sobre a educação da interioridade que possibilita ao indivíduo a construção de uma personalidade

autêntica. Por fim, discuto a afirmação da subjetividade singular como forma de superar a condição da trivialidade, da mentira e do disfarce.

### **A massificação e crise existencial**

Pensar o indivíduo é uma tarefa essencial. Como pensar de modo autêntico num contexto em que a singularidade do homem é extinta pela uniformização de comportamentos? Onde ainda há lugar para agir com originalidade? Tais questionamentos se revelam como grandes problemáticas no mundo contemporâneo. Nesse sentido, tanto o pensamento kierkegaardiano quanto a filosofia de Nietzsche estão voltados para o existente autêntico, uma vez que “[...] a questão do indivíduo é decisiva entre todas” (KIERKEGAARD, 1986, p. 105). Para o pensador dinamarquês não é possível viver de forma singular quando os sujeitos são subjugados à massificação. Ou seja, quanto mais a subjetividade se esforça para se adequar às ideologias em voga tanto mais ela se transforma em um mero refratário de anseios alheios.

Assim como Kierkegaard, Nietzsche é um crítico mordaz da modernidade. Na visão do pensador alemão a era moderna que preconiza a massificação cultural, perpetuada pela educação e pela imprensa, é a responsável pela formação de um homem domesticado, enfraquecido e desencorajado. Para Nietzsche a massificação cultural resulta na castração da individualidade. Em *Genealogia da moral*, Nietzsche argumenta que a homogeneização das consciências culmina numa grande fadiga existencial. Dessa forma, a modernidade é essencialmente decadente, fazendo do homem o mais “[...] profundamente enfermo, entre todos os animais enfermos” (NIETZSCHE, 1998, p. 111). A inautenticidade é a característica principal do indivíduo que opta por adequar seu eu à multidão. O processo de massificação, à medida que busca sempre a universalidade se apropria das subjetividades e exclui delas a possibilidade do pensamento autêntico. É precisamente, essa uniformização que anula

a singularidade do indivíduo e o priva de personalidade própria. Daí se segue que uma existência refém da ordem estabelecida não é senão sinônimo de vazio e decadência.

O instinto de rebanho coloca o indivíduo na mais profunda impessoalidade; como um ser gregário: pois justamente isso é a inautenticidade – a expressão máxima do mencionado instinto. Na massa, o indivíduo se equivale aos outros; extingue de si aquilo que tem de verdadeiro: seu próprio eu. Essa ausência de si mesmo causa no homem uma “[...] lassidão profunda que ele experimenta diante da ausência de valor de sua existência” (NIETZSCHE, 2009, p. 184). Em *Vontade de potência*, Nietzsche afirma que tornar-se multidão é o mesmo que tornar-se um zero, isto é, um espírito excluído da existência que estiola e perece. Assim o rebanho é a totalidade dos fracos que não passam de caricaturas, de marionetes; homens servis: não sabem se opor, resistir, criar, afirmar, apenas conhecem a subserviência. Resultado: quanto mais o indivíduo abandona sua interioridade, e se nivela com os outros, mais se coloca “sob o domínio da mediania e, por fim, do maior número” (NIETZSCHE, 2011, p. 466). Tudo isso culmina numa necessidade que o indivíduo alimenta.

Esta necessidade procura saciar-se e dar um conteúdo à sua forma; nisso ele agarra em torno, conforme sua força, impaciência e tensão, de modo pouco seletivo, como um apetite cru, e aceita o que qualquer mandante – pais, mestres, leis, preconceitos de classe, opiniões públicas – lhe grita no ouvido (NIETZSCHE, 1999, p. 97).

Para Kierkegaard a imprensa e a cultura de massa fragmentam a individualidade reduzindo não só o indivíduo, mas também a arte e a vida moderna à mesmice e ao oportunismo, produzindo homens medíocres. Daí que um indivíduo agrilhado num comportamento uniformizado, resulta num ser despersonalizado e fraco. Ora, a degenerescência do eu é o resultado da moral de rebanho, porque no rebanho não há personalidade própria, isto é, todos são dissolvidos na multidão. Tal comportamento se revela como força negadora da interioridade. Nesse sentido, a

sociedade de massa produz o fascínio pela banalidade, pela degenerescência artística e pela farsa.

Todo homem pode optar pela singularidade quando se responsabiliza por si, “[...] exceto quem exclui a si próprio, tornando-se multidão” (KIERKEGAARD, 1986, p. 102). Existindo na multidão – condição de rebanho - o indivíduo vive de subterfúgio, uma vez que não assume a responsabilidade de tornar-se autêntico em primeira pessoa. Ora, uma existência que vive subserviente da adaptação representa tão somente a impessoalidade que faz do indivíduo um ser amorfo. Importa notar que para a manutenção das convenções e regras sociais, o sacrifício da individualidade torna-se imprescindível. É exatamente no ato de adaptar-se passivamente as regras socialmente admitidas, que a consciência é despersonalizada, pois ela apenas se torna uma mera repetição. Tornar-se uma reprodução de outrem é esvaziar-se inteiramente, é renunciar ao seu próprio eu.

A multidão é a mentira. É por isso que, no fundo, ninguém despreza mais a condição de homem do que aqueles que fazem profissão de estar à frente da multidão. Que um destes cabecilhas veja um homem vir ao seu encontro: certamente, não lhe diga; é demasiado pouco; manda-o embora orgulhosamente; não recebe menos que centenas. E se houver mil, inclina-se então diante da multidão [...] (KIERKEGAARD, 1986, p. 99).

Existindo na multidão o indivíduo opta pela ilusão estando em constante retidão ao comportamento predominante. Nesse sentido, o homem se compraz quando se adapta a ordem estabelecida, no entanto, padece na mentira, ao crê que sua liberdade está sob o poder dos outros. É nessa condição, que o indivíduo se transforma numa representação, numa cópia, numa repetição. Tal postura, na prática, culmina no ocaso existencial. Em outras palavras, a massificação representa a construção de sujeitos dóceis e domesticados. Assim, a multidão é uma falácia; porque, “[...] ou ela provoca uma total ausência de arrependimento e de

responsabilidade, ou, pelo menos, atenua a responsabilidade do indivíduo, fraccionando-a” (KIERKEGAARD, 1986, p. 98). É essa condição que conduz o sujeito a uma vida repleta de dissimulações, falácias e disfarces.

### **Interioridade e afirmação de si**

Nietzsche e Kierkegaard são opositores de um racionalismo que tem por pretensão objetivar o indivíduo, e circunscrevê-lo a uma razão técnica e instrumental. Para eles, se a subjetividade for objetivada ela perde seu caráter singular; torna-se ossificada. O indivíduo realiza-se na existência, e não na lógica ou no tecnicismo. Sendo assim, a existência não pode agrilhoar-se numa razão autoritária. Para Kierkegaard, a objetivação da individualidade condiciona o existente à generalidade, ao rebanho. Destarte, o indivíduo não consegue ultrapassar os entraves do sistema, tampouco experimentar o dom que é a tarefa de existir no âmago de si mesmo. Em outras palavras, a objetivação da individualidade é o mesmo que a castração da liberdade, pois nessa perspectiva toda ação humana deve passar pelo crivo de análises quantificáveis, tornando o homem suscetível as determinações do estado, da família, da escola, da religião, da multidão.

Vivendo na multidão o indivíduo não se responsabiliza por sua existência, por que, no interior deste panorama existencial o homem encontra-se totalmente privado de si mesmo, uma vez que ele não cultiva a produção de sua própria existência. Nessa condição, a subjetividade é guiada pela massa, pelo rebanho, e, por conseguinte objetivada. Para Kierkegaard só é possível a concretização de uma vida autêntica, quando cada um se compromete até as suas entranhas com a realização de si. O pensamento kiekegaardiano releva, portanto, uma preocupação com o panorama existencial moderno que privilegia o prosaico e a inautenticidade em detrimento da afirmação do homem singular.

Em Kierkegaard o verdadeiro empenho está em assumir com audácia sua existência, responsabilizando-se por uma educação da interioridade para retirar o indivíduo da trivialidade para tornar-se singular. A tarefa é então, engajar-se totalmente no desafio de tornar-se autêntico. É necessário, portanto, a compreensão que o homem não é um ser acabado, mas um ser em transformação, um ser em constante movimento, um processo. Daí se afirma o processo em que se concretiza a singularidade, pois nessa perspectiva de perene transformação o indivíduo não se conforma com uma realidade determinada e intransponível. Em outras palavras, só é possível a realização da autenticidade na oposição à banalidade através do inconformismo, da resistência e da educação de si mesmo.

Todo espírito sério minimamente atento ao caráter desta época verá, sem dificuldade, tida a importância que há em si opor de maneira corajosa e radical, sentido todo peso de uma imensa responsabilidade, sem se esquivar a nenhuma consequência, na aceitação de todo o excesso que conduz a verdade, em se opor, digo, a uma confusão que do ponto de vista filosófico e social, pretende desmoralizar os indivíduos [...] (KIERKEGAARD, 1986, p. 107).

Segundo Kierkegaard, para transformar a vida banal de um eu desencarnado numa existência autêntica é necessária uma compreensão de que singularidade e interioridade são indissociáveis. Se o indivíduo não se empenhar no interior de seu âmago para concretizar sua singularidade ele não será um eu, senão um rebanho. Por que, o homem da multidão não sabe pensar de modo singular, sequer sabe distinguir seu eu dos demais, é tão “deplorável” que só o fato de respirar o faz pensar que está vivo. Ou seja, a realização do homem autêntico exige que ele pratique constantemente “[...] na câmara de exercício e de educação da existência, onde somente será possível se tornar homem, mediante a interioridade do existir” (KIERKEGAARD, Apud ALMEIDA, 2005, p. 286).

Assim como para o filósofo danês a existência só pode ser vivenciada de modo autêntico mediante a interioridade do existir, o pensador alemão entende que a homogeneização desconfigura a personalidade condenando-a ao vazio existencial. De fato, pode-se entender o pensamento de Nietzsche e de Kierkegaard como um pensar na individualidade, como uma afirmação do eu autêntico. Eles procuram resgatar a existência da desagregação, da tolice, da mediania que caracterizam a era moderna. Desse modo, a exigência colocada pelos dois filósofos é de que o homem deve resistir ao comportamento predominante, através da intransferível responsabilidade que deve assumir com sua vida, pois “todo homem seletivo procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja a salvo do grande número, da maioria, da multidão” (NIETZSCHE, 1999, p. 33).

### **Subjetividade e resistência**

Em *El instante* kierkegaard compara a sociedade moderna a um hospital no qual todos estão enfermos<sup>1</sup>. Paralelamente, em Nietzsche, tal condição existencial é resultado de um processo de degenerescência, no qual os homens alimentam uma grande objeção a tudo aquilo que demonstre vínculo com a autenticidade. O indivíduo enfermo repudia a ausência de estabilidade na existência, porque ele está habituado com respostas dadas e acabadas. Em Assim falava Zaratustra, no capítulo do profeta o filósofo alemão denuncia o grande asco e a lassidão profunda que uma vida oca e sem sentido engendra na vida, condenando-a a decadência<sup>2</sup>. Nesse sentido, o tipo

---

<sup>1</sup> Imagina um hospital. Los pacientes mueren como moscas. Se prueba uno y outro método, pero nada de resultado. Donde está el problema? Está em el edificio, todo el edificio está envenenado; se atribuirá la muerte de los pacientes a diversas enfermedades, pero lo cierto es que todos murieron a causa del veneno que hay em el edificio (Kierkegaard, 2006, p. 61).

<sup>2</sup> E vi uma grande tristeza invadir os homens. Os melhores cansaram-se de suas obras. Expandiu-se uma doutrina, que trazia consigo uma crença: ‘tudo é vão, tudo é igual, tudo passou!’. E os montes respondiam: ‘tudo é vão, tudo é igual, tudo passou!’. É verdade que temos colhido; mas por que apodreceram e enegreceram nossos frutos? Que caiu da má lua na ultima noite. O nosso trabalho foi

decadente, tende a depreciar a possibilidade de resistir à mesmice; ele não ousa arriscar-se na tarefa de recriar a si próprio, e conseqüentemente ultrapassar a estreiteza de pensamento que coloca a vida em declínio. É por tal fato, que o indivíduo desconsidera a sua própria interioridade, mutilando-se, portanto.

O indivíduo subserviente da ordem estabelecida tornar-se um ser oco, que não faz nenhuma opção sem recorrer aos demais. Por isso que a singularidade só se realiza à medida que o indivíduo se conscientiza de sua interioridade. Segundo Kierkegaard o homem se afirma quando é levado “[...] à consciência de sua individualidade” (KIERKERGAARD, 1986, p. 108). O que Kierkegaard está procurando libertar é a subjetividade dos grilhões do pensamento massificado, para que o si mesmo realize a tarefa de tornar-se único, porque “[...] é impossível edificar ou ser edificado *em masse*” (KIERKERGAARD, 1986, p. 108). Nessa mesma linha, o filósofo do martelo, na maior parte de sua obra reevidica a afirmação da vida, através do resgate do eu autêntico de cada existente. Para Nietzsche, “o homem é um milagre irrepetível” (Nietzsche, 2009, p. 162). Nesse sentido, a superação do declínio existencial só é possível, mediante a transmutação de conduta que leve o indivíduo a sobrelevar a condição de expectador passivo.

Assim todo indivíduo é responsável por si. Na “massa”, na “multidão”, no “todos” não há responsabilidade, uma vez que o comprometimento com a existência singular é uma tarefa intransferível. No ponto de vista explicativo de minha obra como escritor, Kierkegaard expõe que a verdade só se releva mediante a resistência à multidão, ao abstrato, ao público, ao impessoal. Se o homem não assumir o dever de tornar-se singular ele tornar-se-á um ser desprovido de “eu”. É necessário, portanto uma ação radical que leve a busca pela afirmação da individualidade até as últimas conseqüências. Para tal tarefa Nietzsche nos diz:

---

inútil: nosso vinho tornou-se veneno: o mal-olhado queimou e amarelou nossos campos e nossos corações. Todos secamos; e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim, cansamos o próprio fogo [...]. (Nietzsche, 2011, p. 155).

[...] Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias [...] (NIETZSCHE, 2003, p. 164).

No sentido nietzscheano, se o indivíduo não assume o dever de ser autêntico ele se torna um escravo dos “homens”, do “nós”, do “ mundo”. No conceito de angústia, Kierkegaard descreve sobre a ausência de espírito, que culmina na “conversa fiada” (KIERKEGAARD, 2010, p. 102). Tal postura, na prática, é a caracterização do vazio existencial e da insegurança dos homens que se adequam à multidão. A singularidade, portanto, implica num ato de consciência de si mesmo, pois a individualidade “[...] só existe para o indivíduo à medida que ele próprio a produz na ação” (KIERKEGAARD, 2010, p. 146). Kierkegaard ensina que a responsabilidade com a existência singular é a própria afirmação da liberdade.

## **Conclusão**

Segundo Kierkegaard a liberdade se afirma no indivíduo singular. Somente no comprometimento com a tarefa de superar a massificação de consciências que o indivíduo concretiza sua singularidade. Daí que o homem subjugado aos anseios da multidão não é senão um ser amorfo. Tal condição existencial caracteriza a impessoalidade. Para Nietzsche, na impessoalidade o indivíduo não tem responsabilidade com ele próprio nem com sua realidade. Ou seja, na inautenticidade não há eu, apenas a “massa”. Com isso, em muitas reflexões expostas, é possível verificar semelhanças entre a filosofia de Nietzsche e o pensamento do filósofo dinamarquês.

Tanto Kierkegaard quanto Nietzsche buscam ultrapassar a condição de impessoalidade. Assim como para Kierkegaard o indivíduo é primordial, Nietzsche compreende que afirmação da existência só se faz possível através do resgate do eu. Tornar-se singular é a tarefa que realiza a concretização da liberdade. Na multidão a subjetividade pertence a todos. Nesse sentido não é possível refletir em uma existência autêntica. É necessário, portanto, resgatar o eu do “público”, do “abstrato”, do “todos”. O indivíduo só se torna livre quando assume a responsabilidade com seu eu engajando-se com vigor nas contradições de sua realidade.

Em *Conceito de angústia* Kierkegaard problematiza a questão da ausência de espírito. A falta do eu caracteriza a renúncia pela singularidade. Nesse sentido, o homem vive refém do falatório e da insegurança. É nessa condição que o indivíduo opta pela multidão e se opõe a si, mutilando sua existência. A tarefa é então, engajar-se na existência de tal modo que ela se torne a própria realização do eu. Kierkegaard afirma que a singularidade como resistência e liberdade objetiva concretizar homens capazes de se transformarem em senhores de si próprio. O mesmo ocorre na analítica de Nietzsche quando ele delata as forças reativas que se apropriam da vida e a condena ao declínio de sentido. O intuito de Nietzsche é o mesmo do pensador danés, isto é, libertar a individualidade da condição passiva, enferma, e fatigada, e, por conseguinte da vazão as disposições criativas e afirmativas do homem.

### Referências bibliográficas

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Porto: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. *El instante*. Madri: Editorial Trotta, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Assim falava Zaratustra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. A categoria do edificante na construção da ética segunda em Kierkegaard. *Filosofia Unisinos*, v. 6, n. 3, set./dez. 2005, p. 278-294.